

A SUPERAÇÃO DO HOMEM COM BASE NO CONCEITO DE VONTADE EM NIETZSCHE

João Pedro Polidoro Rocha¹

Léo Peruzzo Junior²

RESUMO

Este trabalho se aprofunda em como Nietzsche enxerga a superação do homem comum com base no conceito de vontade. Iniciando com a crítica do autor aos valores morais, ou quais ele considera repressores de vontade, ou qualquer aspiração que seja julgada como ambiciosa. Seus acertos e desacertos com o filósofo Schopenhauer, que influenciou o início de sua caminhada, e como ele enxerga o uso da vontade na vida para a superação, na qual ele dá o nome de *Vontade de Potência*.

Palavras-chave: Valores. Vontade. Vontade de Potência. Superação.

ABSTRACT

This work delves deeper into how Nietzsche sees the overcoming of the common man based on the concept of will. Starting with the author's criticism of moral values, which he considers to repress the will, or any aspiration that is judged as ambitious. His successes and mistakes with the philosopher Schopenhauer, which influenced the beginning of his journey, and how he sees the use of will in life for overcoming, which he calls the Will to Power.

Keywords: Values. Willing. Will to Power. Resilience.

¹ Graduando em Filosofia pela FAE Centro-Universitário. *E-mail*: joao.polidoro@mail.fae.edu

² Orientador da Pesquisa. Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professor da FAE Centro Universitário. *E-mail*: leo.junior@pucc.br

INTRODUÇÃO

Nietzsche, o intrépido filósofo do conflito, destacou-se por sua incansável oposição ao que considerava incorreto, empregando uma retórica vigorosa que não media palavras para defender seus pontos de vista. Sua crítica mais penetrante concentrou-se nos valores morais, cujas raízes remontam à filosofia socrática e evoluem até o cristianismo, uma tradição que, em sua visão, desfigurou profundamente a vida, relegando-a a um plano secundário em busca de uma existência pós-morte.

O conflito proposto por Nietzsche vai além da mera contestação; ele busca desestabilizar a própria fundamentação dos princípios morais, ameaçando diretamente a ordem estabelecida e introduzindo uma caoticidade necessária à existência. Segundo Nietzsche, algo essencial, há muito tempo negligenciado, é a vontade, um elemento crucial para o equilíbrio na vida humana, uma força motriz que, por muito tempo, permaneceu à margem das reflexões morais. “A própria vida apresenta-se a mim como um instinto para o crescimento, para a sobrevivência, para a acumulação de forças, para o *poder*: e, toda vez que falta a vontade de poder, sobrevém o desastre” (NIETZSCHE, 2012b, p. 27).

Os estudos sobre a vontade tiveram início com Schopenhauer, que apresentou a Nietzsche uma perspectiva do mundo baseada nesse conceito. No entanto, insatisfeito com a definição schopenhaueriana, Nietzsche trilhou seu próprio caminho filosófico, desenvolvendo uma visão única e propondo a ideia de “Vontade de Potência” como a verdadeira representação da vontade no mundo, uma força que impulsiona o contínuo devir da existência.

A pesquisa a ser empreendida aprofundará não apenas o conceito de vontade de potência, mas também seu papel fundamental na superação do ser humano “comum”. Adentrando na percepção de Nietzsche sobre o conceito de vontade e um comparativo da sua percepção com aquele que o inspirou, a de Schopenhauer. Em contrapartida, será examinado o motivo pelo qual a moral cristã, aliada a diversos conceitos filosóficos e até mesmo percepções de desenvolvimento científico, afastou o ser humano, na visão nietzschiana, daquilo que deveria ser sua verdadeira “essência”. Este mergulho nas intrincadas teias do pensamento de Nietzsche revelará não apenas uma crítica à moral estabelecida, mas uma proposta ousada para a redefinição do ser humano em si.

1 O MAL DOS VALORES

O contexto da crítica nietzschiana, se estabelece pelos sintomas que os valores deixaram na sociedade, deixando claro como ele enxergava a própria decadência da humanidade nos valores. Buscando um caminho de afastamento para com a percepção de moralidade vigente na época:

Um espetáculo doloroso e trágico surge diante de mim: retirei a cortina da corrupção do homem. Tal palavra em minha boca pelo menos está isenta de uma suspeita: a de que envolve uma acusação³ moral contra a humanidade. Eu a uso – e desejo enfatizar mais uma vez – *sem qualquer valor moral*: e tal afirmação é tão verdadeira que percebo que a corrupção da qual falo está mais aparente para mim justamente onde esteve a maior aspiração, até agora, à “virtude” e à “divindade”. Como provavelmente se suspeita, entendo a corrupção no sentido de *décadence*: meu argumento é que todos os valores em que a humanidade agora estabelece seus mais elevados anseios são valores de *décadence*. (NIETZSCHE, 2012b, p. 26)

A *décadence*, assim é analisada a influência dos valores por Nietzsche em seu livro O Anticristo, existe aqui uma clara crítica ao cristianismo em si, porém a estruturação da sociedade leva ele a uma visão mais geral do problema, assim acusando os valores em sua totalidade como causadores da *décadence*. Mas com essa visão, fica difícil para nós entendermos como valores que uma grande maioria segue podem estar totalmente errados e o porquê de continuarem seguindo.

“Quem busca facilmente se perde. Todo isolamento é culpa”: assim fala o rebanho. E durante muito tempo pertenceste ao rebanho. A voz do rebanho ainda ressoará dentro de ti. E, quando disseres “Já não tenho a mesma consciência que vós”, isso será um lamento de dor. Vê, essa dor mesma foi gerada por tal consciência, e o último reluzir dessa consciência ainda arde na tua aflição. (NIETZSCHE, 2011, p. 61)

O sentimento de pertencimento é algo que nos prende aos nossos valores, já que os valores que aprendemos são passados a nós pelo nosso círculo de familiares, esses estão vinculados a questões religiosas ou comerciais sem esquecer a cartilha de como se portar ou como ver o mundo. Um distanciamento disso nos torna uma ovelha que quer se aventurar para lugares onde o rebanho não vai, pois o pastor não deixa, tirando assim da ovelha sua vontade, e impondo o que é melhor para ela.

Ainda, entende que a afirmação do ego fatum e o pensamento do eterno retorno surge em Nietzsche como busca de solução do filósofo para o problema do niilismo e da morte de Deus, diagnóstico que o filósofo faz da situação europeia moderna. Com a morte de Deus, o filósofo se refere a um diagnóstico no qual Deus, o valor principal que norteava a vida, perde sua força. Ademais, o filósofo sempre viu, na moralidade cristã, uma *décadence*, a expectativa de uma vida além da vida que adoecia a vida, uma estratégia dos fracos, principalmente do sacerdote ascético, para perpetuar a vida e dominar os fortes. A moralidade cristã já tinha aspectos niilistas para Nietzsche, porém,

³ O termo *décadence*, decadência, é utilizado em francês como uma referência às críticas feitas por Jean-Jacques Rousseau sobre a decadência da civilização no século XVIII.

com a morte de Deus, o niilismo se aprofunda pela ausência de um valor para nortear o sentido da vida. É por isso que Nietzsche está tão preocupado em fundar um novo valor para a vida. (PERIN, 2023, p. 63)

A morte de Deus torna-se a ausência de sentido para a vida. Com isso, podemos concluir que Nietzsche não busca necessariamente a completa exterminação de qualquer tipo de valor, mas sim a capacidade de formular novas concepções que ocupem o espaço deixado vazio. Isso conduz ao âmbito particular, onde cada indivíduo deve preencher esse lugar conforme sua própria escolha.

O distanciamento do que consideramos correto revela-se doloroso, levando-nos a aceitar, muitas vezes em prol de nossa própria sobrevivência, as imposições do grupo. Nas relações interpessoais, o cuidado mútuo estabelece-se com base em valores, tornando-nos, segundo a visão nietzschiana, escravos dessas imposições que aceitamos e vivemos como se o certo fosse eterno.

A aceitação das imposições morais atua como princípio de autoconservação, evitando punições, sentimentos de culpa e ressentimento. Os valores morais, além de se manterem por meio da moral e da justiça, ganham força interpretativa, promovendo aceitação e estabilização de sua perspectiva, evitando contraposições. (NOWOGRODZKI, 2017, p. 26)

No trabalho de reflexão entre Foucault e Nietzsche, Nowogrodzki observa como os valores são aceitos não apenas por imposição, mas revela também um lado covarde do ser humano diante do sentimento de solidão que um pensamento diferente pode proporcionar.

A balança dos valores pende frequentemente para a repressão da vontade. Valores, especialmente em contextos religiosos, buscam estabelecer relações de grupo, fundamentando-se em uma aplicação coletiva, ao contrário da vontade, que é estritamente individual. Para o autor, isso representa uma forma de evadir a responsabilidade por nossas ações, permitindo comparações com diversas atrocidades na história, justificadas como cumprimento de mandamentos divinos ou sinais do apocalipse.

Por outro lado, a expiação dos pecados atua como forma de punição para que não se desvie dos valores cristãos, produzindo a memória da dor como consequência dos desvios. Dessa forma, as forças interpretativas que possuem maior potência sobrepõem as demais, utilizando ações práticas para que possam conservar suas verdades fins. A moralidade parte também dessa lógica de dominação, sendo mediada pela imposição e pela regulação (NOWOGRODZKI, 2017, p. 27).

É claro que para uma regra valer devem existir punições, já que o desvio dos valores impostos pode ocorrer se utilizar a maior arma que se tem contra os seres

humanos, o medo. A necessidade de acreditar que seguir os padrões estabelecidos irá te proporcionar uma vida eterna, sem preocupações ou problemas, e o mero desvio desse caminho vai te levar para um lugar onde irá arder no fogo por toda a eternidade, antes mesmo de você escolher o medo te fará pender para o lado mais confortável e seguro.

A questão nos leva a refletir onde exatamente encontramos nossa vontade nisso tudo? “O cristianismo é chamado de religião da *compaixão*. – A compaixão está em oposição a todas as paixões tônicas que aumentam a energia do sentimento vital [...]” (NIETZSCHE, 2012b, p. 27). As investidas para contra o pensamento cristão feitas por Nietzsche, acontecem pela negligência da vontade do indivíduo, essa que deve ser saciada para se ter uma vida mais proveitosa:

“O que é bom? – Tudo que aumenta o sentimento de poder, a vontade de poder, o próprio poder no homem. O que é mal? – Tudo que brota da fraqueza. O que é felicidade? – o sentimento de que o poder *aumenta* – de que a resistência é superada. (NIETZSCHE, 2012b, p. 24)

A análise que ele faz dos valores morais é que, para serem benéficos devem abarcar a vontade como de poder condição de felicidade, deixar as vontades de lado é um erro para com a capacidade humana de se superar. Outro ponto a ser mudado está em verdades eternas, se busca uma nova forma de se perceber, então não se pode dizer que percepções de certo ou errado, mesmo as que Nietzsche aponta, sejam essas para sempre:

É impossível tomar, dessa forma, a justiça ou a moral como elementos estáticos. As condições de possibilidade e a Vontade de Potência propiciam a emergência das relações, que se movem pela percepção das variações de forças interpretativas. Se a justiça cria práticas para a manutenção dos valores morais vigentes, a realidade não corresponde a esse anseio, na medida em que se baseia num complexo de posições e perspectivas que revelam diferentes interpretações de um fenômeno (NOWOGRODZKI, 2017, p. 28).

Na visão de Nowogrodzki, Nietzsche enxerga na moralidade cristã uma incapacidade de adaptação, já que entrega regras prontas sem analisar contextos, deixando de lado a vontade individual, que poderia se mostrar mais condizente com diferentes perspectivas de como se trata determinado acontecimento. Isso é claro estando ligado a capacidade de criação na qual é tirada de nós quando somos levados a seguir valores já prontos que nos condicionam a uma maneira de viver, mas que acabam por fazer de quem os impõe donos de toda a verdade, já que são passados por gerações, mesmo uma jamais conseguindo reconhecer a outra como igual.

O conjunto da compaixão com a racionalidade, o abandono das paixões e dos impulsos, é chamado por Nietzsche de “moral dos escravos”. A compaixão é um dos principais pontos de fraqueza nessa perspectiva:

A compaixão contraria totalmente a lei da seleção natural. Ela preserva o que está maduro para o declínio; luta ao lado dos deserdados e condenados pela vida; e, ao zelar pela vida de todos os tipos de malogrados, confere à própria vida uma aparência lúgubre, sombria e ambígua. (NIETZSCHE, 2012b, p. 28)

A compaixão está fortemente ligada a abdicação da ambição pessoal, deixando assim de lado aspirações pessoais, prejudicando, na visão dele, o desenvolvimento de cada um, tornando a vida incapaz de ter um sentido de vida partindo do âmbito particular. No livro *O Anticristo*, Nietzsche afirma que “O cristianismo tomou o partido de tudo que o que há de fraco, inferior, fracassado; construiu seu ideal *em contraposição* a todos os instintos de preservação da vida forte” (NIETZSCHE, 2012b, p. 26). É uma crítica direta a todo e qualquer valor cristão e como esses influenciam nas bases da sociedade, as percepções teológicas e abstratas do mundo acabam por serem contrárias a percepções mais naturais como a vontade, criando assim a moral dos escravos.

Em a *Genealogia da Moral* (1887), Nietzsche faz críticas diretas a constituição da moral dos escravos:

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” - e este Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores – este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto - sua ação é no fundo reação. (NIETZSCHE, 1887, p. 11)

Nietzsche argumenta sobre uma questão de inveja dos escravos, que eram oprimidos pelos poderosos, assim criando uma moral diferente da deles, com base em compaixão, igualdade e humildade. Isso, na visão dele, prejudicou como a moral se estabeleceu desde então, já que tudo que era apontado como sentimento de ambição e conquista era negativo. A reflexão dele se volta muito para questões históricas ligadas aos judeus se expandindo para todos os âmbitos. A moral escrava deixa de lado a Vontade de Poder, por conta disso, sempre está a dizer não para si, se tornando uma reação para com o mundo, sem autenticidade para com a vida.

2 VONTADE NA PERSPECTIVA DE SCHOPENHAUER

O entendimento filosófico da vontade segundo Nietzsche começou a se aprofundar em suas leituras de Schopenhauer, que definiu a vontade como independente de razão ou consciência, sendo uma força que acompanha todos os seres. Revisitar o entendimento de Schopenhauer é essencial para compreender em que pontos ele e Nietzsche discordam, pois a influência dele lança as bases para críticas profundas sobre o modo de vida da sociedade do século XIX:

Antes, a palavra do enigma é dada ao sujeito do conhecimento que aparece como indivíduo. Essa palavra se chama VONTADE. Essa, e tão somente essa, fornece a chave para seu próprio feito; O mundo como vontade e como representação. O fenômeno manifesta a significação, mostrando a engrenagem interior de seu ser, de seu agir, de seus movimentos. Ao sujeito do conhecimento, que entra em cena com o indivíduo mediante sua identidade com o corpo, este corpo é dado de duas maneiras completamente diferentes: uma vez como representação na intuição do entendimento, como objeto entre objetos e submetido às leis destes; outra vez de maneira completamente outra, a saber, como aquilo conhecido imediatamente por cada um e indicado pela palavra VONTADE. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 157)

Na visão de Schopenhauer, todo ato é um ato de vontade, onde a representação do mundo parte do indivíduo, mas o indivíduo, por sua vez, parte da vontade. Por conseguinte, o mundo torna-se a representação da vontade do indivíduo, nomeando o livro que iniciou Nietzsche na pesquisa sobre essa força.

A Vontade, para Schopenhauer, é considerada um “lado do mundo” diferente da representação, assemelhando-se à coisa-em-si kantiana, sendo a essência do mundo, cega e irracional, manifestando-se nos objetos do mundo como representação. Essa Vontade universal, aliada à noção schopenhaueriana de metafísica imanente, vai além da física, mas não transcende aos domínios que vão além do mundo dos fenômenos e objetos específicos (DEBONA, 2010, p. 79).

Debona interpreta Schopenhauer como uma tentativa de complementar algo esquecido por Kant em suas definições de razão e dever, expressando que o mundo é mais amplo por conter algo além das concepções entendidas como racionais. Até este ponto, Nietzsche e Schopenhauer estão de acordo. No entanto, a discordância surge na compreensão de como alcançar uma vida plena de paz, pois Nietzsche vai contra a própria vontade, abdicando dela.

A transição possível - embora, como dito, apenas como exceção - do conhecimento comum das coisas particulares para o conhecimento das Ideias ocorre subitamente, quando o conhecimento se liberta do serviço

da Vontade e, assim, o sujeito deixa de ser meramente individual. Agora, ele é puro sujeito do conhecimento, destituído de Vontade, não seguindo mais as relações conforme o princípio de razão, mas concebendo em fixa contemplação o objeto que lhe é oferecido, exterior à conexão com outros objetos, repousando e absorvendo-se nessa contemplação (SCHOPENHAUER, 2005, p. 245).

A vontade é, de fato, a força que faz a representação do mundo, mas o conhecimento acaba por ser submisso a ela. Para alcançar um novo plano, deve-se libertar-se da vontade por trás do sujeito. Schopenhauer, influenciado por culturas indianas, via o distanciamento das vontades como um caminho para atingir a plenitude.

Neste ponto, Nietzsche discorda de Schopenhauer. Embora o mundo possa ser uma representação da vontade, a busca por satisfazer a vontade não deve ser o motivo do sofrimento da vida, mas sim a busca pela felicidade. Como citado anteriormente: “O que é felicidade? — o sentimento de que o poder aumenta [...]” (NIETZSCHE, 2012b, p. 24). Nietzsche critica a forma como Schopenhauer descreve a vontade:

Os filósofos estão acostumados a falar da vontade como se ela fosse, no mundo, a coisa mais conhecida; de fato, Schopenhauer nos deu a entender que a vontade é algo que conhecemos de forma total e absoluta, sem tirar nem pôr. Mas vezes sem conta me parece que nesse caso Schopenhauer também só fez o que os filósofos têm o hábito de fazer - adotou um PRECONCEITO POPULAR e o exagerou. (NIETZSCHE, 2012b, p. 34)

No livro *Além do Bem e do Mal*, vontade é descrita por Nietzsche como uma força muito mais caótica do que cuja a explicação não pode ser dada em poucas linhas, contrapondo com o reducionismo que muitos filósofos fazem a diversos conceitos, os quais acabam por consolidar verdades em torno de um preconceito popular, o que acaba por desenvolver noções que se permeia por diversas linhas de pensamento. Pegando a vontade como uma força primordial, estabelece então, a relação de vontade com o mundo, ou seja, a causalidade que uma vontade tem sobre uma ação que repercuta em mudanças efetivas na vida, desenvolvendo assim o termo, *Vontade de Potência*⁴.

⁴ Existe uma diferença interpretativa entre dois termos utilizados por Nietzsche, *Vontade de Poder* e *Vontade de Potência*. Alguns interpretam como sendo os mesmos termos, simplesmente com traduções diferentes dependendo da obra. Nós utilizaremos *Vontade de Poder*, para a ambição, aquilo que faz com que se mova, que impulsiona a ação, e *Vontade de Potência* como a realização da vontade no mundo.

3 VONTADE NA PERSPECTIVA DE NIETZSCHE

O termo “Vontade de Potência” refere-se à efetivação da vontade em nossas ações. Nietzsche vê a vontade como uma força primordial para a realização de qualquer ação, constatando que ela pode impulsionar a realização de grandes feitos. O conceito apresentado aprofunda a crença na influência total da vontade na vida, caso seja direcionada corretamente:

Admitimos, finalmente, que tivemos sucesso em explicar toda nossa vida instintiva como o desenvolvimento e a ramificação de uma forma básica de vontade - ou seja, a vontade de potência, como estabelece minha tese -; se houvesse garantia de que todas as funções orgânicas poderiam ser reconduzidas a essa vontade de potência, e que a solução do problema de geração e de nutrição - que é um problema - poderia estar aqui também, se conquistaria o direito de definir TODA força ativa inequivocamente como VONTADE DE POTÊNCIA. (NIETZSCHE, 2012b, p. 65)

Segundo Nietzsche, a vontade tem um caráter instintivo, todos têm a força denominada Vontade de Poder, mas sua manifestação depende do que se consegue extrair dela. Ele enxerga a efetivação como uma possibilidade para todas as nossas atividades. A vontade é uma força que possuímos naturalmente, e, por conta disso, como refletido nos tópicos anteriores, ele repudia doutrinas que tentam reprimir essa força.

Retornando às reflexões sobre a figura do herói, pode-se considerar que o Super-Homem seria a personificação desse ideal de vigor ao qual o homem comum aspira, vinculando-se à “vontade de poder” proposta por Nietzsche. Esse conceito refere-se a uma força instintiva, natural, presente nas disposições de ânimo de qualquer indivíduo. De acordo com as circunstâncias, essa vontade de poder se manifesta no indivíduo de modo mais ou menos intenso. Assim, pessoas de caráter afirmativo, criativo, possuiriam a vontade de poder em um nível mais elevado do que as pessoas comuns, que desconhecem as peculiaridades de suas próprias singularidades. Portanto, seria nesta situação que os homens comuns se encontrariam no cotidiano, alienados da consciência do próprio poder de suas disposições para a ação, sintoma de uma vontade de potência parcialmente exercitada nas artes do desafio e da superação dos limites. (BITTENCOURT, 2016, p. 59)

A diferenciação entre cada indivíduo ocorre na intensidade em que se emprega a Vontade de Poder, refletindo na realização da vida. É simples assimilar tais constatações, mas nas definições nietzschianas, elas entram em conflito com muitas outras definições que havia antes. As definições de Nietzsche tentam não ser reducionistas, entrando em contraponto com diversas teorias anteriores e visões sobre a vontade. Sendo a vontade a força que move tudo, ele entra em oposição a constatações sobre a própria teoria da evolução de Darwin:

A crítica nietzschiana de Darwin tem sua razão de ser na sua própria definição de vontade de potência. Para ele, o organismo não luta pela vida, simplesmente, não busca a mera sobrevivência. Ele quer mais. É este querer mais que é a base da vontade de potência. Ele fornece um exemplo que ajuda a entender sua concepção [...]” (VIANA, 2010, p. 574).

Assim como acontece com Schopenhauer, esse embate ocorre pelo fato de querer reduzir a vida à sobrevivência, o que, para Nietzsche, é um descaso para com a própria vida. “Tomemos o caso mais simples, o da nutrição primitiva: o protoplasma estende os seus pseudópodes para buscar algo que lhe resista; – não porque tenha fome, mas para pôr em ação a sua vontade de potência” (NIETZSCHE, 1888, p. 109). A vida é reduzida pela seleção natural aos que se adaptam melhor, não para utilizar melhor sua vontade.

[...] o seu fundamento reside na ideia de que a vontade de potência é o princípio vital determinante e que a realidade é um caos. Ela é, tal como já foi colocado, um processo de forças em luta para adquirir mais força. (VIANA, 2010, p. 576)

O embate de forças para sempre alcançar mais e mais, isso é a realidade, essa é a vontade expressa no mundo como Vontade de Potência. Esse conceito não se resume a seres humanos ou animais, ele se espalha por toda a existência.

4 O CAMINHO DA VONTADE

Como os valores foram indicados aqui, sendo aqueles que reprimem nossas vontades, precisamos entender então qual seria o processo de condução para uma desassociação desses valores. Nietzsche se comunica pelos discursos de Zaratustra (personagem de seu livro), para poder expor como ele enxerga os desafios que aguardam quem quer fazer a passagem de uma vida de valores impostos, para poder criar algo que venha de sua própria vontade:

Interessa-me investigar a pretensão filosófica desse discurso metafórico, com o questionamento: em que medida ele aponta para uma nova arte de viver? Podemos perceber a intensidade do pathos aniquilador e afirmativo de Nietzsche no seu esforço de compreender a história da humanidade, a história da filosofia e sua vida – em relação intrínseca com sua obra – a partir de três figuras: o camelo, o leão e a criança, que configuram, respectivamente, três momentos: a obediência, a libertação e a inocência. (ARALDI, 1999, p. 8)

No capítulo, *Das Três Metamorfoses* (NIETZSCHE, 2011) é feita uma caminhada que desenvolve o espírito, começando pelo camelo, indo para o leão, e por fim chegando ao patamar de criança. “Uma nova arte de viver”, como diz Araldi, 1999, p.8, é ilustrada na

mudança entre os estágios de espírito, cada uma das representações, embora sejam muito diferentes, carregam uma força que os move, a relação feita com a vontade não se dá com a mesma intensidade nos três, como veremos a seguir. O primeiro seria o camelo:

O que é pesado? Assim pergunta o espírito resistente, e ajoelha, como um camelo, e quer ser bem carregado. O que é mais pesado, ó heróis?, pergunta o espírito resistente, para que eu o tome sobre mim e me alegre de minha força. Não é isso: rebaixar-se a fim de machucar a sua altivez? Fazer brilhar sua tolice, para zombar de sua sabedoria? Ou é isso: deixar nossa causa quando ela festejar seu triunfo? Subir a altos montes, a fim de tentar o tentador? Ou é isso: alimentar-se das bolotas e da erva e da erva do conhecimento e pela verdade padecer fome na alma? (NIETZSCHE, 2011, p. 25)

O camelo é aquele que se rebaixa a carregar o fardo, ele tem energia, tem resistência, percorre longos trajetos, mas sempre se deixando levar aquilo que determinam, sempre buscando a referência daqueles que são vistos como os heróis do seu tempo. Isso claro, cria uma rotina desgastante sem um propósito próprio, o próprio conhecimento se torna simplesmente um preenchimento de lacunas, mas essas não conseguem alcançar as necessidades da “alma”, ou seja, a busca da verdade sem um sentido norteador, sem o respeito com as próprias necessidades, simplesmente por imposição.

O espírito do camelo, nessa perspectiva, é não só o ponto de partida, mas também o que constitui mais remotamente o ‘homem’; é, além disso, condição para suas transmutações. Ou seja, o homem só surge e se constitui ao carregar o fardo da obediência, dos valores estranhos. (ARALDI, 1999, p. 11)

O caminho apresentado ao camelo sempre será árduo, Nietzsche dá seguimento dizendo: “Mas no mais solitário deserto acontece a segunda metamorfose: o espírito se torna leão, quer capturar a liberdade e ser senhor em seu próprio deserto” (NIETZSCHE, 2011, p. 25). Ele estabelece a liberdade como uma conquista, já desde do nascimento somos arrastados para fora do status de livres cada vez mais, o leão é aquele que reclama, que diz com convicção, EU QUERO, estabelecendo a manifestação da vontade na ação por parte do espírito.

Nesse momento se busca um inimigo, pois o deserto tem seu senhor, “Ali procura o seu derradeiro senhor: quer se tornar seu inimigo e derradeiro deus, quer lutar e vencer o grande dragão” (NIETZSCHE, 2011, p. 26), o confronto se torna necessário para a elevação do espírito, no pensamento de Nietzsche, é o confronto que faz surgir as melhores qualidades, se busca então aquele a se confrontar. O dragão representa os valores, ele é intitulado como “Não-farás”, a vontade de liberdade se choca com os mandamentos do dragão, assim o confronto é iminente, o leão ruga pela liberdade, pois pela primeira vez quem exercer sua vontade é ele, para isso tendo que derrubar o dragão.

É importante notar que o dragão só se apresenta como inimigo ao leão, quando este, em seu próprio deserto, quer conquistar para si mesmo a liberdade para novas criações. O dragão simboliza, assim, os mandamentos morais do Deus judaico-cristão, com sua exigência de obediência irrestrita. Enquanto o camelo diz “eu devo”... seguir os mandamentos morais, o Leão diz: “eu quero” conquistar para mim meu mundo. (ARALDI, 1999, p. 15)

A busca pelo adversário se intensifica ao rebelar-se contra os valores estabelecidos; automaticamente, esses rebeldes enxergam o leão como inimigo, uma ameaça que pode desestabilizar uma relação já estável, deixando aqueles que preferem a manutenção do *status quo* com um medo avassalador. A ovelha que exerce má influência sobre o rebanho deve ser exterminada, para evitar que instigue outras a seguir o mesmo caminho.

Infelizmente, o leão só pode reivindicar sua liberdade; aqui, ainda não há a capacidade de criar algo novo. Com a derrota do dragão, é necessário que algo sustente a nova existência que está por vir. “Mas disse-me, irmãos, o que pode fazer a criança, que o leão ainda não pode fazer? Porque o leão rapace ainda tem que se tornar criança?” (NIETZSCHE, 2011, p. 26). Surge então, a segunda metamorfose: a criança. Diferentemente do leão, a criança possui a capacidade de criar. Com inocência, ela tem um potencial de criação infinito, um dom da renovação, como se cada passo fosse novo. Esse seria o modo de viver de uma criança.

Refletindo sobre o fato de que todo ser humano tem suas vontades reprimidas pelos valores, a criança é quem está mais livre disso. A pressão e o tempo de exposição são menores ou inexistentes para ela. A criança tem a possibilidade de agir conforme sua própria vontade e criar com base nela. “Sim, para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer-sim: o espírito quer agora sua vontade, o perdido para o mundo conquista seu mundo [...]” (NIETZSCHE, 2011, p. 26). O afastamento dos outros ocorre justamente pela incompreensão deles em relação àquele que se desfilou dos valores. A solidão, então, acaba por se tornar uma benção dolorosa, na qual há escolha, autonomia, mas não se encontra relação de igualdade nesse primeiro momento. “Nietzsche pretende que o espírito se liberte para si mesmo no sofrimento. Por não crer mais em nada, ele busca seu próprio caminho” (ARALDI, 1999, p. 18).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo de Nietzsche com a virada de percepção sobre o que o mundo é constituído, é a utilização da vontade é claro: não é possível viver sem um sentido, o sentido é o que dá início a superação. Justamente por isso, quando as coisas que nos foram ditas há tanto tempo perdem esse sentido, devemos ter a capacidade de, por nós mesmos, criar

novos significados para a vida. Afinal, se o sentido da vida estivesse pronto, qual seria a graça de viver? A superação está em achar esse sentido por nós mesmo, não dependendo do que valores escritos a milhares de anos nos dizem, pois eles não dizem tudo.

A interpretação de filosofia nietzschiana deve ser aberta, já que a proposta do autor se baseia na liberdade para a criação. Com base nisso Marton, filósofa especialista nos escritos de Nietzsche conclui:

Não há interpretação do pensamento de um filósofo que seja a única válida; e essa afirmação faz ainda mais sentido quando se trata de Nietzsche. O autor de Zaratustra não hesita em combater, em vários momentos do seu percurso, o que entende por filosofia dogmática. Não pode admitir uma concepção do ser humano e do mundo que pretenda impor-se como hegemônica. Ao contrário, empenha-se em perseguir uma ideia em seus múltiplos aspectos, abordar uma questão a partir de vários ângulos de visão, tratar de um tema assumindo diversos pontos de vista, enfim, refletir sobre uma problemática adotando diferentes perspectivas. (MARTON, 2022, p. 12)

O principal objeto de estudo de Nietzsche é a vida. Marton, em seu livro “Nietzsche e as mulheres: figuras, imagens e tipos femininos”, na conclusão de sua extensa pesquisa, ainda se refere a tudo como aberto na filosofia dele. A vontade é, sim, um termo importante, mas irá se refletir em diferentes pontos de vista, em diversos tipos de vivências diferentes. O ápice do que seria a filosofia nietzschiana são constatações particulares sobre como a vida deve ser regida, encontrando assim na vontade individual o sentido para a vida. “Aquele que alcança seu ideal por si só o ultrapassa” (NIETZSCHE, 2012b, p. 100).

Ele propõe, claro, um processo de questionamento pesado sobre as verdades que conhecemos, nos convidando a duvidar, enfrentar, destruir e reinventar tudo. Esse caminho torna a missão de aceitação da própria vontade, da própria ambição, como um combate, entre tudo que se impõe e o que se quer, realizando no processo uma grande mudança no indivíduo. “Tens de querer queimar em tua própria chama: como te renovarias, se antes não tornasses cinzas” (NIETZSCHE, 2011, p. 61).

A moral dos senhores, que deve nos guiar, para que não sejamos levados por decisões impositivas, para que possamos escolher. Vontade de Poder para que tenhamos ambição para correr atrás. Vontade de Potência para efetivarmos essa ambição.

Um filósofo para se ler várias vezes, em diferentes épocas, e tirar milhares de interpretações. Minha conclusão me deixa com a noção de que uma vida que realmente vale a pena ser vivida, autônoma, necessita de vontade que a guie com vigor para um caminho de sua escolha e intensidade, a qual faz com que o mergulho no desconhecido desse oceano chamado vida. “Onde quer que estejas, cavou bem fundo! Lá embaixo está a fonte! Deixe que gritem os homens escuros: ‘Lá embaixo é sempre — inferno!’” (NIETZSCHE, 2012a, p. 17).

REFERÊNCIAS

ARALDI, C. **Das três transmutações**: indicações para uma nova arte de viver. São Paulo: USP, 1999.

BITTENCOURT, R. N. Nietzsche e o super-homem como paradigma de superação pessoal. **Revista Húmus**, v. 6, n. 17, p. 52-65, 2016.

DEBONA, V. **Schopenhauer e as formas da razão**: o teórico, o prático e o ético-místico. São Paulo: USP, 2010.

MARTON, S. **Nietzsche e as mulheres**: figuras, imagens e tipos femininos. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012a. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/80195.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2023.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Martin Claret, 2012b.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. 4. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. [s.l.]: Sabotagem, 1887. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/4/o/Genealogia_da_Moral.pdf. Acesso em: 10 maio 2023.

NIETZSCHE, F. **O anticristo**. São Paulo: Martin Claret, 2012c.

NIETZSCHE, F. **Vontade de potência**: ensaio de uma transmutação dos valores. 1888. Disponível em: <https://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Nietzsche,%20Friedrich/Friedrich%20Nietzsche%20-%20Vontade%20de%20Potência.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.

NOWOGRODZKI, A. **A vontade de verdade como vontade de potência**: uma perspectiva discursiva sobre a moralidade. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2017.

PERIN, M. **Nietzsche e o problema do eterno retorno**. 2023. 75 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) — Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e representação**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

VIANA, N. Nietzsche, vontade de potência e irracionalismo. **Fragmentos da Cultura**, Goiânia, v. 20, n. 9/10, p. 569-589, set./out. 2010.